

Italianos ajudaram a construir a nova capital

Os primeiros chegaram ainda em 1956, e se instalaram na Cidade Livre, onde trabalhavam

CARMEN CRUZ
Da Editoria
de Cidade



No alto-falante espetado na ponta do poste central da Cidade Livre, trepidava um baíão prazeroso. Mais tarde, os solitários haveriam de marcar encontros com raparigas fáceis. Os namorados

ofereceriam músicas. Era manhã de 1957 e os trabalhadores se preparavam para mais um dia de semeadura da nova capital. O locutor, um brasileiro que só encerrava a programação quando ninguém mais se dispunha a pagar pelos seus préstimos, parou a música, de repente, para anunciar a chegada de um novo disco.

— E agora, meus amigos, vamos transmitir um disco espetacular, que louva à juventude...

(Era grande a expectativa). Segundos depois, o alto-falante distribuía, retumbante, para toda a comunidade, a marcha "Giovinezza! Giovinezza!", expressão máxima do fascismo de Benito Mussolini. Os mais de 30 italianos da cidade foram sacudidos pelo compasso. Não viram se, inocentemente ou não, algum brasileiro deixou-se embalar, mas não tiraram os olhos do italiano Alessandre, que era caixa de um pequeno circo instalado nas imediações. Com um brilho assustador no rosto, Alessandre largou tudo o que fazia e saiu correndo para comprar o disco.

Dezenas de episódios como este são temperados com muito humor pelos italianos que vieram para Brasília, quando a cidade sequer engatinhava. Democratas, socialistas, liberais, comunistas e até fascistas, não importa. Eles vivem "amalgamados" com o povo brasileiro e só têm de diferente as lembranças da Itália que ficou. Monárquica ou republicana, destruída ou emergindo das cinzas.

O italiano está em Brasília desde 1956, quando o engenheiro Giorgio Veneziani, natural de Torino, Norte da Itália, veio ver de perto o que se anunciava com tanta euforia no Rio de Janeiro. Era proprietário de uma marmoraria naquela capital e aqui no planalto foi responsável pelo mármore colocado no Palácio da Alvorada, no Congresso Nacional, na Catedral e em dezenas de outros prédios públicos.

Giorgio Veneziani morou com toda a família em um barraco de tábuas, ao lado de onde seria construído o Alvorada. Acompanhou o crescimento da cidade com espantosa dedicação e mais recentemente foi convidado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para forrar de mármore o Panteão da Liberdade Tancredo Neves.

Hoje, a colônia italiana no Distrito Federal é calculada pelo Departamento de Polícia Federal em mais de 2 mil pessoas, considerando os filhos e netos de italianos de origem. Grande

parte da colônia participa de atividades nos setores da construção civil e do comércio. Outros se dedicam às atividades agrícolas e muitos são religiosos ligados à Nunciatura Apostólica no Brasil. Os dados da Polícia Federal incluem italianos e descendentes de toda a região Geoeconômica de Brasília.

Nos cinco primeiros anos de vida, 1956 a 1960, Brasília recebeu cerca de 40 imigrantes italianos que se instalaram na cidade livre e se ocupavam principalmente do trabalho braçal, nas construções. Depois de uma reunião na então Velhacop, numa tarde de 1957, o representante dessa comunidade, Giovanni Simonini, de Barga, foi interrompido:

— Senhor cônsul, quantos italianos temos em Brasília?

— 1. Giovanni se apressou em responder que deviam ser em torno de 40 mil.

— Faça votos que o quanto antes sejam 400, 4 mil ou 40 mil, porque precisamos dos italianos no Planalto.

As palavras eram do presidente da República, Juscelino Kubitschek, que consolidava as relações já estabelecidas entre os imigrantes e os brasileiros. Os italianos que acreditaram em Brasília saíram na sua maioria, de São Paulo, onde até então se dedicavam à agricultura ou ao pequeno comércio, movidos pelo espírito desbravador — que também os arrancou da terra natal.

Outros vieram de Goiânia, como a italiana Adele Ricci, que chegou em 1956 quando Brasília era habitada por cobras, emas elegantes e veados. "Uma santa mulher" — lembram, com carinho, seus amigos. Foi ela quem abriu o primeiro restaurante italiano na Cidade Livre. Veio com Gastone Zavaroni que instalou o Hotel Belvedere, que começou sob uma grande lona.

No período da seca, Zavaroni adiantava a construção, mas em centenas de noites os seus hóspedes deitavam e ficavam admirando as estrelas. Quando havia chuva a lona alerigava todos. Os quartos eram bem pequenos e Zavaroni tinha um papagaio que era insuportável. Durante um temporal — que mais parecia um dilúvio — o papagaio começou a cantar, no meio da noite: "Lá em casa não tem água nem pra cozinhar". Os hóspedes quase o mataram.

SOLIDARIEDADE

Se as chuvas do Planalto serviram para registrar a hospitalidade de Zavaroni, a seca e os incêndios que reduziam a cinzas inúmeros barracos da Cidade Livre também marcaram a

solidariedade de outro italiano. Ugo Buresti, que ainda mora em Brasília, à época representante de materiais de eletricidade, salvou quase todo o acampamento da destruição durante um incêndio. Os barracos eram construídos muito próximos uns dos outros e quando o fogo começava de um lado ia até o fim da rua.

No segundo grande incêndio na Cidade Livre, ao perceber que nenhum barraco ficaria em pé se o fogo não fosse interrompido, Ugo Buresti pediu ajuda aos amigos e destruiu, em minutos, o seu próprio barraco. Buresti mora hoje em uma grande casa no Setor de Mansões, no Lago. Durante muito tempo foi o presidente do Rotary Clube em Brasília.

A comunidade italiana está espalhada pelo Plano Piloto e cidades-satélites. Os que se ocupam da agricultura se concentram no município de Luziânia e pouco contato fazem com os imigrantes da cidade. No início da década de 60, eles tentaram se reunir fundando o Circulo Brasileiro, que funcionava na 704 Sul, mas o desprendimento e a descontração, que marca a vida do italiano onde quer que ele esteja, impediu que o círculo se solidificasse. O representante do governo italiano em Brasília, Giovanni Simonini, fundou, quase à mesma época, uma escola chamada Escola Italiana Américo Vespúcio, mas os cursos não atraíram ninguém e a escola acabou poucos meses depois.

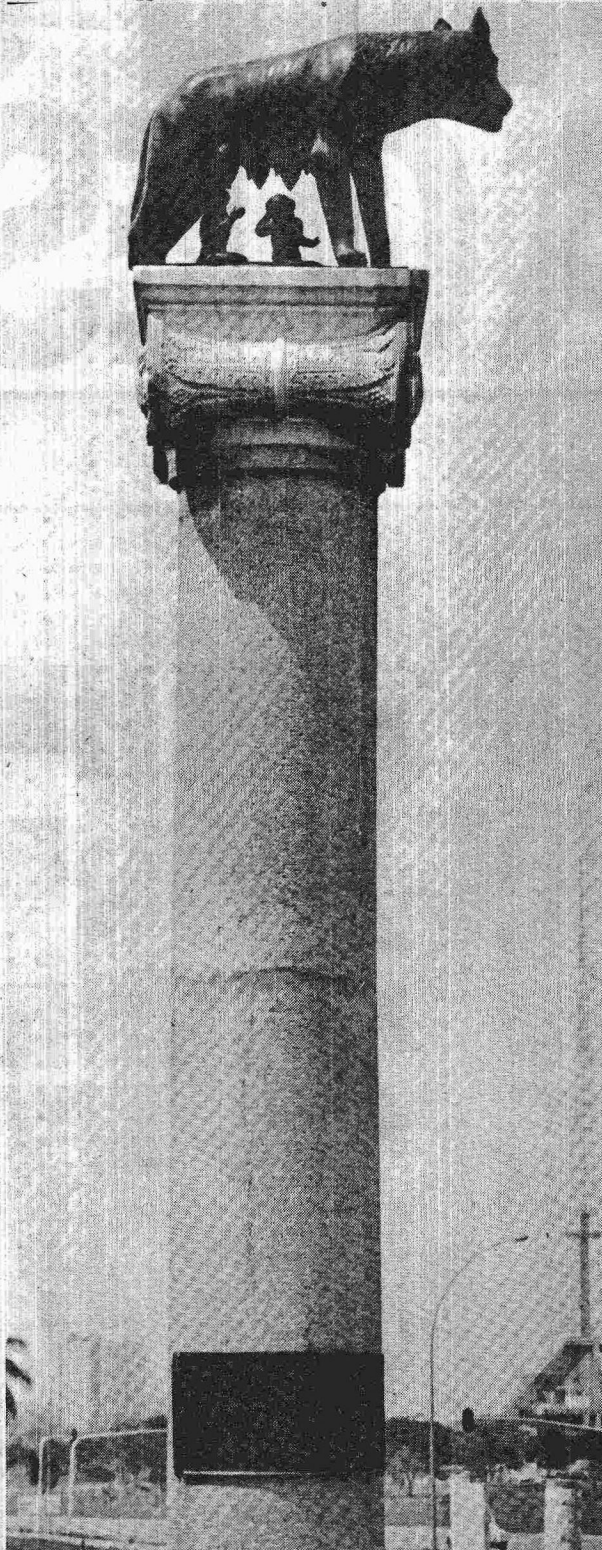
Mas, outra família italiana que fincou raízes no Planalto, a dos irmãos Straguadano, há 15 anos faz funcionar no Plano Piloto o Instituto de Língua Italiana, atualmente na 307 Norte. Vincenzo Straguadano tem mais de 200 alunos, a maioria brasileiros, trabalha com mais dois professores e ensina desde o bê a bô até a história de seu país.

Os brasileiros, entretanto, podem considerar-se privilegiados em ter à sua escolha mais de 20 casas especializadas em culinária italiana. As fantásticas manobras que as masseiras fazem com os espaguetes, raviolos, as lasanhas, talhetas e outras massas, podem ser encontradas a qualquer tempo, nos bares, restaurantes, pizzarias e cantinas, cada dia mais originais. A Cantina Anema & Cuore, de Neuza Joanna Orlando é a mais recente novidade.

Não há, entretanto, um espaço para a divulgação da cultura italiana em Brasília. Com o fim do Circulo Italo-Brasileiro, ainda ficou a Associação Cultural Brasília/Itália, atualmente presidida por Andrea Bastianon, só que ela existe apenas no papel.

A Embaixada se ocupa em promover algumas mostras de filmes italianos, ou reunir a comunidade com esparsos coquetéis em datas especiais. A comunidade se resente de um espaço para a explosão da música, da dança, do teatro e das artes plásticas, que estão contidas no seio das famílias italianas no DF.

EUGENIO NOVAES



A coluna que sustenta a Loba tem mais de 2 mil anos

Tradição se mantém

Os imigrantes italianos não falam muito da Ordem Soberana e Militar de Malta, apesar de suas origens estarem na aristocracia italiana e na própria Igreja. Criada no século XII, em função das primeiras cruzadas, a Ordem só aceitava pessoas que comprovadamente fossem de famílias nobres. Em Brasília, a Ordem de Malta está sediada em um prédio com grades verdes, uma fachada em vermelho e branco, e um toldo com uma grande "estrela de Malta", na CRN 507.

Alguns imigrantes residentes em Brasília, como Giovanni Simonini ou o próprio conselheiro cultural da Embaixada, Picheca, referem-se à Ordem como sendo uma organização benéfica ou de caráter filantrópico. Pela sua história, entretanto, a Ordem é um dos mais fortes organismos de extrema-direita no mundo atual. O estúdio da Soberana Ordem, que usa o nome de Françoise Hervet, divulgou recentemente um trabalho na revista *CovertAction*, norte-americana, mostrando situações em que, embarçadamente, a Ordem sempre esteve dirigindo e financiando operações militares contra "Estados e ideias considerados ameaçadores ao seu poderio".

Segundo Françoise, ser um "cavaleiro" da Ordem implica, não só participar de cerimônias de iniciação, com roupas próprias dos ritos feudais, mas adotar uma ideologia em que sociológica e psicologicamente fica predisposto a funcionar como "tropa de choque" das forças reacionárias católicas. Ele fala de uma Ordem contribuindo para a ascensão de Hitler, condecorando espiões nazistas que atuaram na União Soviética, influenciando a nomeação de escalões da CIA, ou se unindo a americanos contra a revolução bolchevique. Françoise comenta também a estreita ligação entre a Ordem e o Vaticano, detalhando ainda reuniões de seus membros com os integrantes da fascista Loja maçônica P-2 italiana.

O mesmo documento mostra uma Ordem comprometida com forças reacionárias, ostentando sempre a fachada de "organização humanitária, altamente preocupada com o sofrimento dos pobres e enfermos de todo o mundo". Suas articulações, e a transferência de milhares de dólares de um canto a outro do mundo em nome de uma disposição em eliminar a lepra das Américas.

Tudo começou com D. Bosco

O envolvimento de imigrantes italianos com Brasília começou muito antes de sua inauguração. Em 1883, foi um italiano, de Castel Nuovo, quem profetizou a construção da Capital da Esperança em terras do Planalto Central. Dom Bosco é reconhecido pelo Governo do Distrito Federal como o Patrono de Brasília. Na consolidação do sonho de Dom Bosco os italianos desempenharam papel fundamental.

Um dos pioneiros dessa colônia, o embalador Enrico Giglioli, que se casou com uma brasileira e ainda hoje mora em Brasília, foi o grande responsável pela transferência de uma coluna, de mais de 2 mil anos de idade, de Roma, para sustentar uma réplica da Loba Romana, em frente ao Palácio do Buriti, sede do Governo do DF. Foi ele quem promoveu ainda a caracterização das semelhanças entre Brasília e Roma que, com a diferença de quase 30 séculos de idade, têm a mesma data de fundação: 21 de abril.

O governador José Aparecido não perde a oportunidade de enumerar as coincidências que marcam as duas cidades e sugere que, a exemplo de Roma como capital que deu origem a uma grande nação, Brasília seja o início de uma nova época para o Brasil.

Falar que o primeiro italiano a chegar em Brasília foi o engenheiro Veneziani é pouco para essa gente. A boca pequena foram falar para o comerciante Giovanni Simonini, hoje da Generali do Brasil e ele passou adiante, que quando era celebrada a primeira missa, ao redor do cruzeiro improvisado, autoridades civis e militares se esforçavam para uma maior reflexão, mas não conseguiam. E que havia uma meia dúzia de índios que aproveitava a ocasião e vendia flechas, arcos e outros objetos, que hoje são encontrados em abundância nas lojas de souvenirs.

Intrigado com a ousadia dos índios, Israel Pinheiro resolveu pôr um fim àquela situação. Um dos índios falava e gesticulava mais que os outros, conseguindo em pouco tempo vender quase tudo o que trouxera.

Mas, para ele, o fato que mais marcou a disposição e a luta do italiano na Cidade Livre, foi a experiência do marquês Marino, de tradicional família de Nápoles. Em 1957, Marino se desentendera com um tio, na Itália. O tio não quis perdô-lo. Comprou uma passagem para o Brasil e despachou Marino, para além-mar.

O marquês Marino comprou um Tornicrof — caminhão alto, como os utilizados na Primeira Guerra Mundial — e viajou Brasil adentro. Vários dias depois, tentando ainda manter a postura elegante, prejudicada pela poeira e pelos solavancos, Marino chegou a Brasília vindo direto à Novacap, onde todos tinham suas tarefas definidas.

Pensou que poderia transportar mercadorias para o abastecimento da comunidade, ou ainda carregar os trabalhadores, ou até mesmo material para construções. Só que ignorando a preocupação de Marino em manter sempre as luvas limpas, a Novacap o mandou coletar lixo nas ruas. A imagem do marquês Marino, vestido em alta elegância ao volante do Tornicrof, era simplesmente surrealista e ainda hoje é lembrada pela colônia. Marino conservava os vidros fechados para se livrar do mau-cheiro, enquanto dois homens fortes corriam com as latas de lixo em direção ao carro. Todo dia, lá vinha Marino com as milhares de moscas. Depois, voltou para a Itália.



Marchetti na W-3, em 1959: um pioneiro

Marchetti veio, viu e venceu

O primeiro carro de passeio a chegar a Brasília foi o *dodge* de cor branca, com portas de madeira, de propriedade do italiano Marco Marchetti, que havia deixado Pesaro, no centro-norte da Itália para um passeio na América do Sul e resolveu ficar no Brasil. Foi trabalhando na Ligth, no Rio de Janeiro, que ele conheceu o coronel Uzeda. Aconselhado a acreditar em Brasília, não pestanejou.

Chegou em março de 1957, trazendo uma fábrica de tijolos. Toda a comunidade lembra que durante as primeiras noites Marco Marchetti não deixou ninguém dormir, tentando fazer funcionar a sua engenhoca, por acreditar que ela ainda lhe renderia muito dinheiro. Se hospedou no Hotel Belvedere, de Zavaroni e trabalhou sem medir esforços durante os primeiros anos no Planalto.

Conseguiu fazer sua casa no Núcleo Bandeirante, mas em 1958 venceu uma concorrência para construir uma ponte no rio Ca-

nabrava, entre as cidades de Uruaçu e Gurupi, na Belém-Brasília, e por lá ficou seis meses. Trocou o *dodge* por dois caminhões velhos e foi para Goiânia. Ali, encheu o caminhão de operários e subiu para Uruaçu. Quando voltou sua casa havia sido invadida. Foi trabalhar de novo no Instituto de Aposentadoria dos Bancários, na 108 Sul, e só muitos anos depois realizou as primeiras obras como empreiteiro.

Em 1962 trocou uma casa na W/3 Sul pelo terreno onde hoje está o San Marco Hotel. A obra só foi concluída em 1983. Com a mulher Rosalba Magi e os três filhos, Marco Marchetti mora no próprio hotel. Fala da colônia italiana como uma colônia solta onde nenhum italiano quer se submeter a outro. "O italiano é rebelde por natureza", justifica.

Ele foi um dos fundadores do Circulo Italo-Brasileiro e acredita que de uma forma ou de outra os italianos em Brasília precisavam estar mais unidos uns com os outros.

Um porta-voz da colônia

Representar o povo italiano no Distrito Federal durante todos esses anos é privilégio para o veterano Giovanni Simonini de Barga. Era com ele que o presidente Juscelino Kubitschek falava quando queria se dirigir à colônia italiana. E mesmo nos anos seguintes à sua luta pela integração dos compatriotas em terras tão distantes o destacou como representante máximo do governo italiano em Brasília.

Quando veio para o Brasil Simonini deixou um emprego de funcionário público na Itália, mas a tropicalidade brasileira não o deixou voltar. Eram tempos negros na Itália, 1946, pois apesar do fim do regime fascista, o país caminhava para a República em meio a grande destruição. Um navio norte-americano, que segundo ele, era movido mais a usque que a óleo cru (risos), o levava para um cruzeiro pela América do Sul, mas a simpatia de uma família paulista o convenceu a ficar no Brasil.

Viveu em São Paulo como representante de algumas empresas italianas e

em junho de 1957 chegou a Brasília, passando por Goiânia. Aqui abriu uma loja de móveis que nem nome tinha e continuou a representar as firmas da Itália. Por cuidar dos interesses dos italianos em Brasília, conquistou o título de cônsul honorário pelo seu governo, mas só no Governo Costa e Silva foi reconhecido oficialmente como tal, apesar de na prática ter sido elevado à condição de conselheiro único da colônia.

Simonini hoje é procurador da Generali do Brasil, uma companhia de seguros, e terminou recentemente um livro sobre os 20 primeiros anos da colônia italiana em Brasília, mas vai deixar ao filho Raoul Simonini a satisfação de publicá-lo. Aos 78 anos de idade, Simonini ainda pratica esportes e tem uma memória de fazer inveja a toda essa giovinezza de hoje. E a pessas mais alegre e extrovertida da Generali. De dois em dois anos viaja para a Itália e "se pudesse pegaria um jipe e iria por esse Brasil afora conhecer a região amazônica", afirma, imperativo.

Na cantina, um velho sonho

A alegria extravagante que distingue uma família italiana das demais é um tempero muito especial que Neuza Joanna Orlando faz questão de preservar. Com a firmeza e a decisão que só um descendente de italiano pode conhecer, ela se uniu aos filhos e decidiu transferir para uma cantina muito original os grandes almoços e jantares que dava em sua casa.

Neuza Orlando é neta de italianos e veio para Brasília em 1961, quando o pai faleceu em São Paulo. Trabalhou com advogados da Antártica e depois prestou concurso público indo para o Senado, onde está até hoje. Com 47 anos, Neuza realizou um sonho que era de toda a família: abriu a Cantina Anema & Cuore, na CLS 203.

E na Anema & Cuore que ela e os filhos, Maurício, 24 anos, Marcelo, 21 e Eduardo, 17, além da nora Débo-

ra Pinheiro Machado, deixam transbordar a alegria contagiante e a animação que só o ritmo da tarantela, acentuada pelas batidas dos guisos e pandeiros, amarrados aos pés das mesas, pode enriquecer. Ela reúne todos os amigos que apreciavam as tradicionais massas servidas em sua casa, conquistando também a simpatia de brasileiros que nunca haviam experimentado seus pratos, como é o caso do funcionário da Caixa Econômica Federal Paulo Jorge, que na última sexta-feira saboreava um prato à moda da casa.

Além de boa música italiana, dos pratos preparados cuidadosamente sob a sua vigilância, e do ambiente, italianos e brasileiros podem encontrar os melhores vinhos, entre os quais os Italianos Corvo di Salaparuta e o Chianti Rufino.